

QUEM PUXOU O TAPETE DO PAPA

Quatro meses antes de Bento XVI anunciar a inédita renúncia, o escritor Eric Frattini lançou na Espanha um livro que descreve a brutal luta pelo poder nos bastidores do Vaticano. Frattini mostra que lá sobrevoavam corvos, a começar pelo mordomo Paolo Gabriele, autor do roubo de documentos confidenciais endereçados ao papa

texto LUIZA VILLAMÉA, MARCELO PINHEIRO e MARIA TERESA WASSERMANN foto HÉLIO CAMPOS MELLO

Quando não estão se digladiando, os moradores da cidade-Estado do Vaticano tentam fazer graça. Uma das histórias fictícias que mais circularam pelos corredores do Vaticano no último pontificado tinha como cenário as imediações da cidade de Cracóvia, na Polônia. Em um dia cinzento do inverno de 1944, em plena Segunda Guerra Mundial, acontece o encontro entre dois homens: o polonês Karol Wojtyła e o alemão Joseph Ratzinger. Exausto e faminto, Wojtyła está deitado no acostamento de uma estrada cheia de lama quando Ratzinger chega e dispara sua pistola Luger contra o polonês. Ato contínuo, Deus lança um raio e pulveriza o projétil. A cena se repete uma vez mais. Surpreso, Ratzinger pergunta: “Por que proteges esse polonês?”. Deus responde: “Porque um dia esse polonês será o papa”. Depois de alguns instantes de incredulidade, o alemão olha para o céu e diz: “De acordo, mas, depois dele, vou ser eu”. Mesmo com ressalvas aos estereótipos pesados, o escritor e jornalista Eric Frattini usa a piada para mostrar a diferença entre Wojtyła e Ratzinger:

“O polonês foi um homem guiado pelo próprio destino e não por seus desejos, um homem aberto ao mundo, que soube manobrar com mão de ferro a máquina do Vaticano. O alemão é um homem que gerencia a política e a negociação para alcançar seus próprios fins, mas, devido sem dúvida à sua faceta mais teológica e filosófica, carece da experiência do polonês para enfrentar a rede viciosa do Vaticano”.

Autor de 24 livros – cinco deles sobre papas e a Cúria Romana –, Frattini lançou em outubro do ano passado na Espanha *Los Cuervos Del Vaticano – Benedito XVI en la Encrucijada*. Ainda inédito no Brasil, o livro reproduz e contextualiza 47 documentos retirados dos aposentos do papa Bento XVI pelo mordomo Paolo Gabriele, um dos corvos citados no título. O roubo deu origem ao Vatileaks, como ficou conhecido o escândalo sobre o vazamento de informes e correspondências confidenciais do Sumo Pontífice. O segundo corvo apontado por Frattini é Ettore Gotti Tedeschi, que, indicado por Bento XVI, dirigiu o IOR, o Banco do Vaticano. O cenário belicoso pelo qual circulam as aves agourentas está dividido entre os “bertonianos”, seguidores do cardeal Tarcisio



CONTRASTE Dois dos 140 santos que protegem a Praça de São Pedro, projetada por Bernini no século 17: o excesso de santidade do lado de fora acabou faltando dentro do Vaticano

Bertone, secretário de Estado do Vaticano, e os “diplomáticos”, que se alinham com o decano do Colégio dos Cardeais, Angelo Sodano.

O escritor, que nasceu em Lima, no Peru, vive na Espanha e tem livros editados em 47 países. Em *Los Cuervos Del Vaticano*, Frattini discorre ainda sobre uma possível renúncia de Bento XVI: “Na realidade, não é o primeiro Sumo Pontífice que se defronta com a questão. Antes, já passaram por isso Pio XII, Paulo VI e João Paulo II”. Lembra que, em 2010, o próprio Bento XVI falou sobre a possibilidade com outro vaticanólogo, o alemão Peter Seewald. E conclui: “Embora a engrenagem do Vaticano se empenhe em assegurar que o papa não vai renunciar, a Cúria tenta a toque de caixa “italianizar” o próximo conclave, para acabar com os 32 anos de pontificado estrangeiro”.

Em entrevista exclusiva à **Brasileiros**, Frattini define a atuação de Bento XVI como a de um faxineiro dedicado a eliminar a sujeira do Vaticano e a preparar o terreno para o sucessor. Com esse espírito, o atual Papa Emérito tentou durante o seu pontificado enfrentar os problemas da pedofilia, que envolve religiosos de diversas partes do mundo, e da corrupção entranhada na cidade-Estado. Ao comparar duas diferentes fases do alemão Joseph Ratzinger, Frattini recorre ao personagem criado pelo autor escocês Robert Louis Stevenson no final do século 19: “Foi uma espécie de ‘Doutor Jekyll e Mister Hyde’”. Como cardeal e prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, fez parte da conspiração do silêncio, em que os terríveis casos de pedofilia foram mantidos debaixo do tapete desde o pontificado de João XXIII”. A postura muda em abril de 2005: “Depois de ter sido nomeado papa, Ratzinger, já como Bento XVI, foi quem decidiu estabelecer a Tolerância Zero para qualquer caso passado ou futuro de pedofilia dentro da Igreja”.

Brasileiros – *Como o senhor avalia a repercussão da renúncia de Bento XVI?*

Frattini – Acredito que há duas razões que o levaram a uma “renúncia anunciada”, tal como eu a defino. O fator determinante foi o escândalo Vatileaks e a descoberta de que Paolo Gabriele, o homem da sua confiança, foi o último elo de uma longa cadeia de vazadores de informação. A segunda razão foi a sua incapacidade de controlar a máquina rebelde do Vaticano. Bento reinou, mas não governou. Ele se viu no meio de uma máquina curial imprópria para seu pontificado. As lutas dentro do Colégio dos Cardeais são brigas de faca. As brigas entre os “diplomáticos”, liderados pelo cardeal Angelo Sodano, e os “bertonianos”, seguidores do cardeal Tarcisio Bertone, começaram em 2006. Há rumores de que alguém próximo a Bertone apresentou, sem o consentimento do Santo Padre ou de Sodano, uma frase no discurso a ser proferido por Bento

“As lutas entre os ‘diplomáticos’, liderados pelo cardeal Angelo Sodano, e os ‘bertonianos’, seguidores do cardeal Tarcisio Bertone, SÃO BRIGAS DE FACA”

XVI em Regensburg, na Alemanha. Era uma citação do imperador bizantino Manuel II que diz: “Mostre-me o que o Maomé trouxe de novo, e encontrará apenas coisas más e desumanas”. Isso causou uma reação em cadeia em todos os países árabes contra o papa, que teve de improvisar uma viagem para a Turquia para acalmar os ânimos. Consequentemente, Sodano foi demitido e substituído por Bertone. É quando começa o poder dos “bertonianos”. Esta guerra dentro do Colégio dos Cardeais levou Bento XVI a dizer: “Adeus”.

Brasileiros – *Como o senhor descreve Bento XVI?*

Frattini – Bento XVI foi um faxineiro. Ficará na história como um papa revolucionário. É o homem que abriu os caminhos para o próximo papa, já que jogou o lixo na rua. Enfrentou os casos de pedofilia, em vez de escondê-los, e tentou limpar o Banco Vaticano. Poderia, talvez, ter limpado muito mais, mas é possível que as pressões dos “diplomáticos” e dos “bertonianos” não tenham permitido a ele fazer isso. É provável que para o próximo papa tudo seja mais fácil. Os oito anos de Bento XVI podem ser qualificados como revolucionários do ponto de vista da limpeza. Ficará na história como o papa que renunciou, mas a importância do seu trabalho é que um dia acordou e jogou todo o lixo da pedofilia e do banco na rua.

Brasileiros – *Ele foi vítima ou cúmplice das investigações sobre os casos de corrupção e pedofilia?*

Frattini – Foi uma espécie de “Doutor Jekyll e Mister Hyde”. Como cardeal e prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, fez parte dessa conspiração do silêncio, em que os terríveis casos de pedofilia foram mantidos debaixo do tapete desde o pontificado de João XXIII. Depois de ser nomeado papa, Ratzinger foi quem decidiu estabelecer a Tolerância Zero

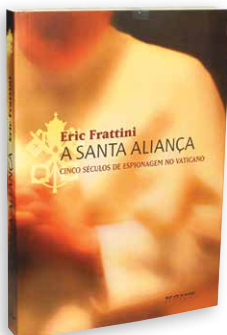
para qualquer caso passado ou futuro de pedofilia dentro da Igreja. Nesse ponto, ele foi um revolucionário e, por isso, ganhou muitos e poderosos inimigos dentro da Igreja. De qualquer forma, a Igreja Católica continua sendo muito ambígua com relação a esse delito repugnante. No Conclave convocado para eleger o sucessor de Bento XVI, há oito cardeais acusados de ocultar casos de pedofilia e proteger centenas de abusadores de meninos e seminaristas. Um deles, o escocês Keith O'Brien, pelo menos teve a decência de renunciar.

Brasileiros – *Como será o papa eleito pelo Conclave?*

Frattini – Tem aqueles que acreditam que o novo pontífice deveria ser italiano, visto que desde 1978 um cardeal dessa nacionalidade não ocupa a posição. Há outros que pensam que será um africano ou um latino-americano, continente de onde vem 42% dos católicos. Não há um candidato natural para tomar posse do papado, mas sim cardeais que têm bastante poder para entrar no Conclave como “preferiti”.

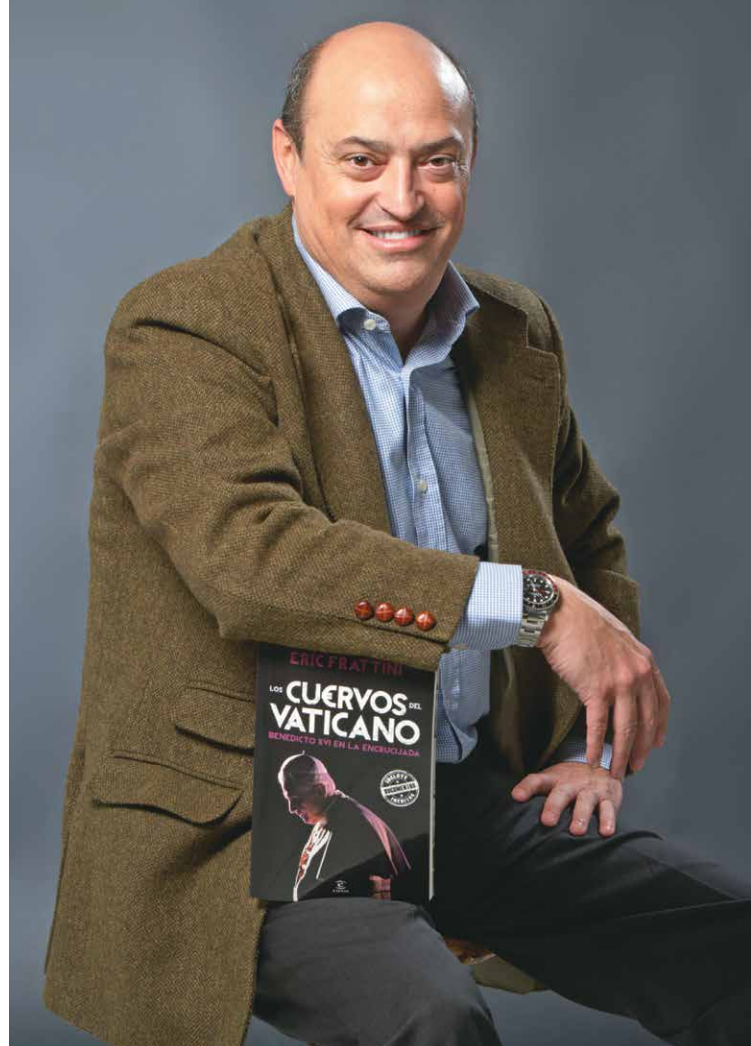
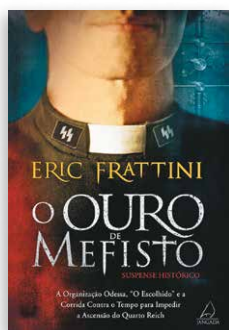
Brasileiros – *Em sua opinião, qual o melhor papa para a Igreja?*

Frattini – Entre os candidatos estão o cardeal canadense Marc Ouellet, de 68 anos, prefeito da Congregação para os Bispos e presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. Ouellet conhece muito bem a máquina vaticana. A desvantagem é a nacionalidade, pois é estrangeiro, além da sua amizade com Sodano, o que o torna suspeito aos olhos dos “bertonianos”. Outra opção poderia ser o filipino Luis Antonio Tagle, de 55 anos. Tem grande bagagem intelectual, mas é muito jovem e não conhece a máquina do Vaticano. O austríaco Christoph Schönborn, de 68 anos, conhece muito bem o complicado funcionamento do Vaticano. Foi um “grande eleitor” no Conclave



ANÁLISE

Autor de 24 livros, Eric Frattini publica e contextualiza, em *El Cuervo del Vaticano* 47 documentos roubados dos aposentos do papa



“Bento XVI foi um faxineiro. FICARÁ NA HISTÓRIA COMO UM PAPA REVOLUCIONÁRIO. É o homem que abriu os caminhos para o próximo papa, já que jogou o lixo na rua”

de 2005 e tem apoio do setor austro-alemão. Contra ele pesa o fato de ter sido uma pessoa muito crítica com os setores mais poderosos do Conclave, “diplomáticos” e “bertonianos”. O cardeal italiano Gianfranco Ravasi, de 70 anos, ministro da Cultura do Vaticano, tem a seu favor a idade, o fato de conhecer a máquina e ter bom relacionamento com os membros das dez facções presentes no Conclave. Mas foi funcionário da alta hierarquia da Cúria, sob o mando de Tarcisio Bertone, o que poderia provocar rejeição massiva por parte dos “diplomáticos” de Sodano e dos “ambrosianos” (facção de Milão) liderados pelo cardeal Attilio Nicora. O último “preferiti” seria o cardeal italiano Angelo Scola, arcebispo de Milão e grande aposta de muitos dos seus compatriotas. Scola já foi indicado pelo próprio Bento XVI como um “homem capaz, que poderia ser um

bom sucessor na Cátedra de Pedro”. Scola poderia ser um candidato de consenso de “diplomáticos” e “bertonianos”, mas há os “ambrosianos”, que afirmam não apoiar nenhum candidato fora da “máquina de Milão”. Misteriosamente, Scola foi afastado como Patriarca de Veneza e nomeado Arcebispo de Milão, que é o cargo com o qual ingressa no próximo Conclave. Para mim, Scola é o mais *papável* de todos os candidatos, mas tem um ditado que diz: “Quem entra papa no Conclave, sai cardeal”.

Brasileiros – *Qual é o principal desafio do próximo papa?*

Fratini – A urgente e necessária reforma do aparato vaticano. Terminar de vez com o poder das facções dentro do Colégio dos Cardeais. Aceitar que os católicos de hoje não são os mesmos do século 17. Hoje, a família é um homem com uma mulher com filhos, mas também pode ser um homem com um homem com filhos ou uma mulher com uma mulher com filhos. Também deveria aceitar que os divorciados católicos possam ficar dentro da Igreja. Hoje, eles são proibidos de comungar. Os católicos necessitam hoje de um papa do século 21, apesar de isso parecer impossível quando analisamos os membros do atual Colégio dos Cardeais, eleitos por Bento XVI e João Paulo II.

Brasileiros – *No livro A Santa Aliança, publicado no Brasil pela Boitempo Editorial, o senhor faz referência à expressão do escritor David Yalopp de que o período de João Paulo II foi um “pontificado de duas faces”, pois ele condenava a politização dos padres da Nicarágua, mas apoiava o sindicato Solidariedade da Polônia.*

Fratini – Para falar a verdade, acho que João Paulo II foi um grande papa político e um papa teológico ruim, ao contrário de Bento XVI, que foi um grande papa teológico e um papa político ruim. O problema de João

“Os católicos necessitam hoje de um papa do século XXI, APESAR DE ISSO PARECER IMPOSSÍVEL quando analisamos os membros do atual Colégio dos Cardeais”

Paulo II, visto como um pontífice que ajudou a derrubar o Muro de Berlim, é que ele, junto com Ronald Reagan e Margaret Thatcher, foi um dos chefes de Estado mais intervencionistas da história. Quando a Croácia tentava se separar da Federação Iugoslava, a União Europeia e Washington avisaram que não aceitariam a separação. Naquele momento, João Paulo II apareceu na sacada da Praça São Pedro e reconheceu a “Grande Nação Católica da Croácia”, gerando uma reação em cadeia. Os líderes croatas avançaram com a independência e a separação. Washington e Bruxelas foram forçados a reconhecer o governo de Zagreb. Os sérvios atacaram, provocando a Guerra da Iugoslávia. João Paulo II deveria ter fechado a boca.

Brasileiros – *E os escândalos financeiros do Vaticano?*

Fratini – Em *Los Cuervos del Vaticano* apresento documentos atuais

do IOR, o Banco Vaticano, provando que por muito tempo a instituição fez lavagem de dinheiro de organizações criminosas da Itália e da Rússia. Ettore Gotti Tedeschi, o presidente do banco imposto por Bento XVI com a missão de limpar a instituição, descobriu seis contas numeradas pertencentes a Matteo Messina Denaro, o chefe da Cúpula da Cosa Nostra, além de 12 contas numeradas cujos titulares eram cidadãos russos ligados à máfia russa. Tedeschi foi demitido por Tarcisio Bertone, secretário do Estado, e refugiou-se em sua casa em Milão. Uma noite, chegou uma viatura policial e achou Tedeschi escondido dentro do armário. Quando percebeu que eram policiais, disse: “Vocês são policiais? Pensei que tinham vindo me matar”. Em outra ocasião, veio a secretária de Estado Hillary Clinton, e advertiu o papa: “Ou vocês limpam o IOR e aplicam as leis internacionais contra fraude, lavagem de dinheiro e financiamento ilegal do terrorismo ou vamos ser obrigados a incluir o Banco Vaticano na ‘lista negra’ do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos”. Essa advertência foi levada a sério.

Brasileiros – *Em sua obra, o senhor também já tratou da aliança estratégica do Vaticano com ditaduras da América Latina.*

Fratini – A Santa Sé sempre teve uma dupla moral a esse respeito. Por um lado, ofereciam seu apoio a ditadores como Augusto Pinochet, Jorge Rafael Videla, Alfredo Stroessner e Anastasio Somoza, tirando fotos juntos e celebrando missas no altar militar. Por outro lado, os padres das pequenas paróquias tiveram de lutar contra a repressão das ditaduras que os líderes eclesiais apoiavam ou pelos menos silenciavam. O que a igreja tem, e que a permitiu sobreviver por tantos séculos, é essa grande capacidade de se adaptar, de forma camaleônica, a diferentes momentos e governos. |

PAOLO GABRIELE, ANJO OU DEMÔNIO?

Trecho do último livro de Eric Frattini, *Los Cuervos del Vaticano*, ainda inédito no Brasil

“ – Sua Santidade. Já estamos na hora – dizia Paolo Gabriele toda manhã às 6h30 para acordar o Sumo Pontífice. Depois o ajudava na missa das 7hs, servia-lhe o café da manhã às 8hs, o almoço às 13h30 e o jantar às 19h30. Ao final da tarde, acompanhava Bento XVI em sua caminhada diária pelos jardins do Vaticano, escolhia a hortelã perfumada para a infusão papal, fornecia os medicamentos receitados pelo médico vaticano e por volta das 21h ajudava o Papa a se despir e o colocava na cama. – Boa noite, Paoletto – dizia o Sumo Pontífice. – Boa noite, Sua Santidade – respondia o fiel mordomo.

Esse era o programa diário do mordomo papal, durante os 365 dias do ano, até o dia 23 de maio de 2012, uma quarta-feira.

Nesse dia, oito agentes da Gendarmaria vaticana, liderados por seu comandante-chefe, Domenico Giani, entraram em um andar da Via Porta Angelica, no mesmo prédio onde residia a mãe de Emanuela Orlandi, a adolescente desaparecida em 1983 (o destino de Emanuela é um dos grandes mistérios da Santa Sé. Há suspeitas não comprovadas de que ela, aos 15 anos, teria sido usada em orgias sexuais por integrantes do Vaticano e depois assassinada).

Giani apertou a campainha e aguardou. Pouco tempo depois, a mulher de Paolo Gabriele abriu a porta.

– Senhora Gabriele, temos um mandado de prisão contra o seu marido – anunciou Giani, abrindo caminho para os gendarmes ingressarem na residência do mordomo papal.

Poucos minutos depois chegou ao local o próprio Gabriele, avisado por sua mulher. Não deu tempo de o mordomo falar. Dois gendarmes vaticanos se aproximaram, puxaram suas mãos para trás e o algemaram. (...)

A Justiça Penal do Estado Vaticano começou os interrogatórios de Paolo Gabriele. Nos dias 5 e 6 de junho, o mordomo sofreu duas sessões intermináveis de perguntas na presença dos seus advogados: Carlo Fusco e Cristina Arru. Os promotores e os agentes do Serviço Secreto e da Gendarmaria não testemunhavam um caso de tal magnitude desde o dia 14 de janeiro de 1998, quando o cabo Cedric Tornay assassinou, antes de se

suicidar, Alois Estermann, comandante da Guarda Suíça, e sua mulher, a venezuelana Gladys Meza Romero, no apartamento privado do chefe do Exército papal. Esse foi realmente o primeiro caso de espionagem que aconteceu no interior dos muros vaticanos desde que a Entidade descobriu na década de 1970 que Alighiero Tondi, jesuíta e secretário do Papa Paulo VI, era agente da KGB

(o serviço secreto da extinta União Soviética). Foram essas as razões que levaram Paolo Gabriele a roubar os documentos do papa. Todos se perguntavam quem era realmente esse homem de 42 anos, ajudante da câmara de Bento XVI desde 2006. Paolo Gabriele começou seu serviço dentro dos apartamentos papais há mais de uma década, depois de ter prestado serviço na Casa Pontifícia sob as ordens de monsenhor James Harvey. Quando Angelo Gugel, o mordomo principal, decidiu se aposentar, Gabriele passou a ocupar essa posição. Aqueles que o conheciam definiam Gabriele como um homem de boa presença, tímido, reservado, extremamente religioso e devoto absoluto da santa polonesa Faustina Kowalska, conhecida popularmente como Santa Faustina, a freira falecida na Cracóvia em 1938, com apenas 33 anos de idade. Gabriele trabalhou também com o Papa João Paulo II, até se tornar chefe dos ajudantes da câmara de Sua Santidade em 2006, momento em que se tornou a sombra do papa. Ele não só o acordava ou o ajudava a se despir antes de dormir, como também lhe dava os óculos, dobrava seus jornais e até cobria Bento XVI com seu grande guarda-chuva preto. Ele fazia tudo pelo papa.

No sábado, dia 23 de junho, vários meios de comunicação italianos e estrangeiros se faziam a mesma pergunta: onde está o mordomo do papa? Havia transcorrido 31 dias desde que Paolo Gabriel fora detido pelos agentes vaticanos. Trancado numa cela de quatro por quatro metros, o mordomo ficou incomunicável. Não via ninguém; a comida era entregue por um soldado da Guarda Suíça por baixo da porta, através de um alçapão, e não tinha nada para ler, já que até um exemplar da Bíblia lhe fora negado. Alguns jornais afirmaram que o Vaticano e sua Guarda Suíça tinham submetido Gabriele a um “sistema carcerário parecido com o do regime cubano ou com o de Guantánamo.”

SUCESSÃO

Frattini conta que o cardeal italiano Angelo Scola já foi apontado por Bento XVI como “um bom sucessor na Cátedra de Pedro”